

Novos lugares: discurso sobre a participação feminina no carnaval de Porto Alegre em fins do Império.

Caroline P. Leal (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Carnaval;mulheres; cidade.

ST 27 - Reconfigurações do público e do privado e os limites do protagonismo feminino

Porto Alegre, por volta do último quartel do século XIX, passara a viver uma transformação no que se refere à sua maneira de festejar o reinado de Momo. Alguns jovens da cidade se reúnem para formar duas sociedades carnavalescas: Esmeralda e Venezianos. Essas agremiações pretendiam transformar a forma de se render preito ao deus Momo: ao invés do antigo - e agora condenado - entrudo (brincadeira ibérica, trazida por nossos colonizadores, tinha como objetivo molhar e sujar o adversário, através de limões de cera, bisnagas, bacias, farinha, pó vermelho além da pregação de mentiras e chistes aos demais), o desfile de carros alegóricos e bailes a fantasia.

Mas não era só isso: esses carnavalescos também tentaram transformar a participação das mulheres nessa festa, oferecendo-lhes novos lugares e condições para eles se entregarem à folia. Este artigo, portanto, tem como objetivo analisar as tentativas de adequação do comportamento feminino durante os dias de folia carnavalesca na cidade de Porto Alegre, a partir do último quartel do século XIX, apontado para os novos espaços que as sociedades carnavalescas apresentaram para as mulheres.

Na cidade de Porto Alegre, as comemorações carnavalescas – festejadas na forma do entrudo – parecem ter feito parte das vivências do povoado desde o início de sua formação¹. Segundo Ferreira, jogava-se o entrudo na cidade desde os “primeiros anos da colonização”². Em 1847, todavia, através do código de posturas municipais, a brincadeira foi proibida, tendo sido estipuladas multas para quem desobedecesse³. Apesar das proibições, o jogo continuava a encantar os porto-alegrenses, embora fosse ele atacado de ser rude, agressivo e não condizente aos hábitos que uma adiantada cidade deveria ter. Era considerado uma brincadeira licenciosa, que permitia maiores contatos corporais entre homens e mulheres; facilitaria, muitas vezes, a burla da vigilância paterna, incorrendo no perigo de se cometer excessos e possibilitar às mulheres darem vazão à sua libido, contida durante o ano todo. Como as seduções do corpo eram tidas “como ‘maléficas’ e ‘bravias’ e as existentes no ser feminino deveriam ser controladas, pois a moral só responderia pela mulher com a condição de que essa fosse inviolável

em sua dignidade”⁴), o entrudo representava uma ameaça, já que o recato e o pudor – qualidades da virtude feminina – eram condições, que segundo jornalistas, inexisteriam durante a brincadeira.

Eu já não quero falar nesta liberdade de que nos apossamos de entrar por qualquer casa alheia, e ir até o quintal para molhar a sinhá, as velhas e as meninas, até que nos deitam nalguma gamela, cedendo à força de frágeis mãozinhas que nos seguram e nos roçam. O brinquedo tem outros mil atrativos, e dá lugar a episódios burlescos, aconchegos ternos, a que empregemos com toda a sem-cerimônia um dos nossos cinco sentidos, coisa que nos é inteiramente proibida nos tempos comuns.⁵

Com a criação das sociedades carnavalescas Esmeralda e Venezianos se estabeleceria uma nova forma de se brincar o carnaval: havia préstitos - com desfiles de carros decorados e apresentação de críticas de costumes – e os bailes à fantasia. Mas a mudança não se restringia ao formato da brincadeira: a adequação do comportamento feminino durante o reinado de Momo foi uma das principais preocupações e objetivos a se atingir com a introdução do novo carnaval.

Pierre Bourdieu, em *A Dominação Masculina*, propõe analisar “os ‘gêneros’ como *habitus* sexuais”, ou seja, como a incorporação das disposições culturais do princípio de divisão sexual dominante sobre os agentes sociais, resultado de um extraordinário trabalho coletivo de socialização difusa e contínua no qual “as identidades distintivas que a arbitrariedade cultural institui se encarnam em *habitus* claramente diferenciados”⁶. Para o autor,

as aparências biológicas e os efeitos, bem reais, que um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social produziu nos corpos e nas mentes conjugam-se para inverter a relação entre as causas e os efeitos e fazer ver uma construção social naturalizada [...], como o fundamento in natura da arbitrária divisão que está no princípio não só da realidade como também da representação da realidade e que se impõe por vezes à própria pesquisa⁷

As pré-disposições culturais de uma sociedade é que formariam, portanto, o que é ser homem e o que é ser mulher. Na relação de forças material e simbólica entre os sexos, é destinado aos homens uma posição de dominação, onde o princípio dessa relação de dominação reside em instâncias como a “Escola ou o Estado, lugares de elaboração e de imposição de princípios de dominação que se exercem dentro mesmo do universo mais privado”⁸.

Ao estabelecerem um novo formato de folia, os carnavalescos porto-alegrenses propunham também novas condições e lugares para as mulheres se entregarem ao reinado de Momo. De uma participação ativa, nas correrias e molhadelas do entrudo; elas passariam para uma passiva, de espectadoras dos desfiles das sociedades. A tarefa delas agora era assistir aos desfiles promovidos pelos rapazes e, se apreciassem, lhes atirar flores. Pretendia-se uma moralização da festa: ao invés da proximidade, principalmente corporal, oferecida pela brincadeira tradicional; o distanciamento dos préstitos, pois como “os papéis desempenhados pela mulher eram essenciais á sobrevivência dos grupos, o sexo feminino deveria ser controlado de forma a colocar-se sob a tutela do masculino [...]”⁹.

O que queriam, portanto, os promotores desse novo carnaval é que o seu tom fosse a moralidade, havendo uma preocupação com o controle familiar sobre o comportamento feminino. A prudência, “era o comportamento que mais se aproximava da virtude pregada. Caberia orientar as moças a zelar por ela, mantendo sua honra e vergonha”¹⁰. O entrudo proporcionava a perda deste controle dos pais e também da prudência, pois durante o festejo haveria o perigo dos “abraços traiçoeiros que começam na porta da rua e iam terminar mesmo nas barbas dos senhores pais de família”¹¹. As práticas desse novo carnaval, que estabelecia diferentes condutas para a participação das mulheres, afastaria os perigos que o entrudo proporcionava, ajudando a mantê-las naquilo que consideravam o caminho correto e ideal.

Por serem elas um dos principais “alvos” a serem atingidos com a introdução desse novo modelo de festejo, a sua participação (mesmo que indireta) era reverenciada, deixando-se explícito que esse carnaval era feito para elas, mas para elas assistirem. A despeito de procurarem relegar as mulheres uma posição de meras espectadoras, de passividade, de sujeição ao protagonismo masculino, era atribuído a elas o triunfo da nova proposta carnavalesca: “Continue a vir daí [das mulheres] a aceitação e entusiasmo e a Esmeralda prosseguirá ufana e radiosa na senda que se traçou”¹². Dessa forma, denota-se que a aprovação feminina era algo importante para os carnavalescos, sendo o sucesso do festejo medido pela quantidade de flores por elas jogadas:

anteontem findou o carnaval que este ano esteve animadíssimo. As duas sociedades carnavalescas exibiram-se no ultimo dia, ambas disputando a supremacia: - combate magnífico que deu em resultado ficar o campo juncado de ... flores, tal foi o empenho das moças em jogar-lhes lindos buquês¹³.

Durante os préstitos eram feitos apelos e gracejos às moças. Apostava-se na adesão delas ao carnaval como contrapartida ao galanteio oferecido pelos jovens das sociedades. No desfile do ano de

1875, foram distribuídos para a população recitativos - chamados *puffs* - enquanto as sociedades percorriam as ruas da capital da província. O *puff* distribuído naquele ano pela sociedade Esmeralda intitulava-se *Sermão*. E foi realmente isso o que eles pregaram às mulheres: em tom de crítica moralizadora a seus usos, eles condenavam o fato de que “hoje tudo é diferente, Tudo novo e nada bom. Velhas, moças, lindas, feias, Todas querem ser do tom” e, em tom nostálgico e conservador, louvavam o tempo de seus “avós, sem mil baboseiras que vêm-nos da França: pomadas, essências, anquinhas e pós”¹⁴, desaprovando os modismos femininos daqueles tempos.

Os Venezianos, por sua vez, fizeram um encômio às filhas da capital da província, conclamando-as a lhes darem “flores, sorrisos... e um olhar de amor...”¹⁵, ou seja, se entregarem a essa nova modalidade de renderem preito a Momo e desistirem de vez da brincadeira das molhadelas. Apesar dos *puffs* das sociedades carnavalescas apresentarem um formato distinto – uma criticando, outra louvando as filhas do Rio Grande – ambas sociedades intencionavam atrair o gosto feminino para a nova festa que estava instaurando-se. Mesmo porque se dependia da aprovação feminina para o sucesso dos festejos: quanto mais elas atirassem flores mais glória teria o carnaval. Percebemos que é recorrente na fala das tradicionais sociedades carnavalescas o direcionamento de seus discursos às mulheres, como por exemplo, em 1878, quando Os Venezianos ao anunciarem seu programa para os festejo, diziam:

Esta sociedade, atendendo á ansiedade natural, com que o publico Porto-Alegrense, e especialmente o belo sexo, espera a publicação do resultado de suas lucubrações de um ano inteiro, tem resolvido levar ao conhecimento do mesmo publico o programa abaixo para os festejos.¹⁶

Bem como, a Esmeralda, em 1881, que também em seu programa carnavalesco “felicitava especialmente o sexo das graças, de quem espera um sorriso que dulcifique-lhe a vida, enchendo-a de magia”¹⁷.

Apreende-se que a participação feminina é exaltada, principalmente por embelezar a festa e pelo tom moralizante que essa possuía. Segundo Lazzari, “todas as alusões à participação feminina no carnaval excluem dela qualquer traço de licenciosidade, construindo sempre um sentido de pureza”¹⁸. De acordo com o autor, os folhetinistas da época exaltavam a moralidade feminina no carnaval. O lugar das mulheres “passa a ser nas ruas atirando flores aos préstitos ou nos bailes, devidamente fantasiadas, onde ora elas se confundem à decoração que embeleza o salão, ora são seres angelicais que encantam, seus admiradores”¹⁹. Além disso, ele salienta que sua participação passa a ser “um símbolo de

progresso, um elemento a mais de distinção das festas porto-alegrenses, não bastasse a pretendida superioridade do ‘gosto’ e da ‘riqueza’²⁰ pois irá diferenciar-se da congênere carioca (onde quem participava da festa ao lado dos homens eram as prostitutas) ao adotar uma postura de festa familiar e moralizante²¹.

Segundo Pedro, a partir de 1850, nas cidades do Sul, durante a formação das elites nos centros urbanos, foram freqüentes as imagens idealizadas das mulheres e de seus papéis familiares. E essas elites que se formaram, é que “iriam promover os jornais responsáveis pela divulgação de modelos de comportamento, especialmente para as mulheres”²² como por exemplo, os comportamentos que se esperavam delas durante os festejos carnavalescos.

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”²³, afirmava Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*. Essa construção, feita pela família, pela escola, pela Igreja, estava também sendo promovida pelo carnaval em Porto Alegre no último quartel do século XIX. Ao estipularem novos lugares e condições tidas como adequadas para as foliãs, fazendo em seus *puffs* ou pronunciamentos discursos sempre dirigidos a elas, os homens das sociedades carnavalescas estavam contribuindo para uma construção social do que era “ser mulher” e, acima de tudo, ser mulher distinta. Essas mulheres, no entanto, não se restringiram a esses novos papéis, novos lugares e novas condições que lhes foram apresentadas. Romperam com eles e passaram a participar ativamente da festa. Mas essa daí já é uma outra história!

Referências Bibliográficas

- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo I: a experiência vivida*. V. 2. São Paulo: Difel, 1967.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CARELI, Sandra. *Texto e Contexto: Virtude e comportamento adequados às mulheres na visão da imprensa porto-alegrense da segundo metade do século XIX*. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado/ UFRGS, 1997.
- FERREIRA, Athos Damasceno. *O Carnaval pôrto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970.
- LAZZARI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*. Campinas: Editora da Unicamp/Cecult, 2001.
- PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Ed da UFSC, 1994.
- PEREIRA, Cristiana. *Os Senhores da Alegria: a presença das mulheres nas Grandes Sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX*. In: CUNHA, Maria Clementina (org.). *Carnavais e*

outras f(r)estas: ensaios de uma história social da cultura. Campinas: Ed. da UNICAMP, CECULT, 2002.

¹Cf. FRANCO, Sergio da Costa. *Porto Alegre: Guia Histórico*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p.100.

²FERREIRA, Athos Damasceno FERREIRA, Athos Damasceno. *O Carnaval pôrto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p.11.

³Livro de Registros de Posturas Municipais de 1829 a 1888.4 dez 1829. "Posturas Policiaes da Câmara Municipal da cidade de Porto Alegre aprovadas pelo Conselho Geral da Província". Porto Alegre, Typ. Do Commercio, 1847 (anexadas ao Livro de Registros das Posturas Municipais de 1829 até 1888). AHPA.

⁴CARELI, Sandra. *Texto e Contexto: Virtude e comportamento adequados às mulheres na visão da imprensa porto-alegrense da segundo metade do século XIX*. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado/ UFRGS, 1997,p.28.

⁵A Reforma, 23 de fevereiro de 1873.

⁶BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2005, p.34.

⁷Ibid, p.9 e 10.

⁸Ibid, p.11.

⁹CARELI, Op. Cit., p.74.

¹⁰Ibid, .39.

¹¹A Reforma, 14 de fevereiro de 1875.

¹²A Reforma, 11 de fevereiro de 1875.

¹³FERREIRA, Op. Cit., p.34.

¹⁴A Reforma, 11 de fevereiro de 1875.

¹⁵A Reforma, 11 de fevereiro de 1875.

¹⁶Mercantil, 02 de março de 1878, p.3.

¹⁷Mercantil, 25 de fevereiro de 1881, p.3.

¹⁸LAZZARI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*. Campinas: Editora da Unicamp/Cecult, 2001,p.130.)

¹⁹Ibid. p.130.

²⁰PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Ed da UFSC, 1994, p.281.

²¹PEREIRA, Cristiana. Os Senhores da Alegria: a presença das mulheres nas Grandes Sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX. In: CUNHA, Maria Clementina (org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de uma história social da cultura*. Campinas: Ed. da UNICAMP, CECULT, 2002,p. 312.

²²PEDRO, Op. Cit., p.281.

²³BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo I: a experiência vivida*. V. 2. São Paulo: Difel, 1967, p.9.